



AO VENCEDOR A BATALHA:

Ritual de sobrevivência do judeu exilado em Laissez Passer, de Luiz Rampazzo e Marcio Pitliuk

Revista dos Cursos de Letras e do Programa
de Pós-graduação em Letras – Unifap

FLUXO DA SUBMISSÃO

Submissão do trabalho: 9/03/2025

Aprovação do trabalho: 8/08/2026

Publicação do trabalho: 5/09/2026

Rodrigo Felipe Veloso  
rodrigof_veloso@yahoo.com.br
 Universidade Estadual de Montes Claros

COMO CITAR

VELOSO, Rodrigo Felipe. AO VENCEDOR A BATALHA: ritual de sobrevivência do judeu exilado em Laissez Passer, de Luiz Rampazzo e Marcio Pitliuk. *Revista Letras Escreve*, v. 16, n. 1, p. 1-5. Disponível em: <https://periodicos.unifap.br/letrasescreve/article/view/578>.

Resumo

Publicado em 2023, *Laissez Passer*, de Luiz Rampazzo e Marcio Pitliuk, apresenta relatos reais de judeus marcados pelo exílio, perseguição e necessidade de reconstrução da vida em diferentes países. A expressão francesa “deixe passar” simboliza os documentos que, em situações extremas, representavam a possibilidade de sobrevivência e recomeço. A obra aborda temas como memória, identidade, resistência, moralidade, dignidade humana e deslocamento, destacando os dilemas enfrentados diante da perseguição e das guerras. Entre as histórias narradas está a de Aref Kaieri, judeu nascido em Aleppo, que deixou a Síria devido à perseguição, viveu no Líbano durante a guerra civil e posteriormente emigrou para o Brasil, onde se naturalizou brasileiro. Os autores também relatam experiências de judeus provenientes de países árabes, destacando diferentes formas de resistência e adaptação. Sendo assim, *Laissez Passer* contribui para preservar a memória histórica, combater o antissemitismo e refletir sobre a condição humana, ressaltando empatia, resiliência e dignidade.

Palavras-chave: *Laissez Passer*; Literatura e História; exílio judaico.

Publicado em 2023, o livro *Laissez Passer*, de Luiz Rampazzo e Marcio Pitliuk, é uma narrativa histórica e real situada no contexto do povo judeu, que é uma comunidade que durante muitos séculos se mostra um coletivo migratório e perseguido. Isso se acentua de maneira estereotipada e odiosa durante a Segunda Guerra Mundial, bem como neste livro aborda-se temas centrais como morte, sobrevivência, moralidade e as complexidades humanas em tempos de crise extrema. Reconhecido por seus trabalhos no campo da literatura e do cinema relacionados ao Holocausto, Rampazzo e Pitliuk, mais uma vez, constroem um retrato emocionalmente carregado e eticamente instigante.

Luiz Rampazzo é fotógrafo, cineasta, escritor, idealizador e membro do conselho curador do Memorial do Holocausto de São Paulo. Por sua vez, Marcio Pitliuk é escritor de diversos livros com a temática do Holocausto, da história dos judeus, é cineasta, membro do conselho curador do Memorial do Holocausto de São Paulo e membro da academia Ituana de Letras.

A expressão “*laissez passer*”, que significa “deixe passar” em francês, refere-se a uma permissão oficial

que, no contexto do livro, se transforma em símbolo da busca pela sobrevivência. Durante a Segunda Guerra, documentos de salvo-conduto, muitas vezes faziam a diferença entre a vida e a morte. Rampazzo e Pitliuk, ao situar as histórias de luta e determinação dos judeus imigrantes, nesse contexto, retoma um tema crucial da literatura sobre o Holocausto (discutido também em outros livros): o peso das escolhas individuais e coletivas em situações extremas e a implicação disso para as futuras gerações. No intento de ressignificar na contemporaneidade o discurso do judeu exilado e perseguido e, além disso, da mudança de percepção diante dessas atrocidades que abominam a espécie humana, os autores entrevistaram vários imigrantes judeus e descreveram suas histórias de sobrevivência em meio ao caos e à barbárie.

A “narrativa” de *Laissez Passer* é estruturada em torno de personagens reais que enfrentam dilemas éticos e emocionais em um cenário marcado pela perseguição constante que os fez se espalharem por diversos cantos do mundo, eles são obrigados a viver um êxodo por meio de uma escolha não desejada, mas sim, imposta. Os autores fazem uma ressalva de que, dificilmente, encontram-se na atualidade três gerações de uma mesma família judia que nasceram no mesmo lugar.

Do ponto de vista da história de migração judia, a primeira ocorreu no Egito, onde muitos judeus foram perseguidos e escravizados nas mãos do Faraó. Pelo tempo de 200 anos de escravidão, os judeus mantiveram seu judaísmo, haja vista que não se converteram em cultos pagãos e preservaram seu monoteísmo incólume e exerceram a amabilidade mesmo vivendo em condições sub-humanas.

Nesse sentido, Edward Said menciona que “o exílio significa que vamos estar sempre à margem, e o que fazemos enquanto intelectuais tem de ser inventado porque não podemos seguir caminhos prescritos” (Said, 2005, p. 69). Viver à margem da sociedade implica uma recusa de experimento da alteridade das relações que foram construídas ou serão formuladas; no entanto, pode-se pensar que além do exílio promover uma privação e lamentação do destino se mostra de outra maneira, isto é, como um paradigma de liberdade visto enquanto processo de descoberta que intentamos fazer de acordo com nossa própria vontade, com relação aos objetivos que ditamos; então, torna-se um prazer particular e individual.

A construção das figuras dramáticas, a narração das histórias de sobrevivência das pessoas em meio ao caos é detalhada e busca capturar as contradições humanas, criando imagens complexas que não são facilmente classificáveis, pois elas enfrentam constantes embates internos: entre o desejo de sobreviver e a manutenção da dignidade, entre o egoísmo e o altruísmo. Essa ambiguidade é um dos pontos mais fortes dos relatos descritos nas entrevistas, uma vez que refletem a complicação das situações reais vividas durante o período entre guerras e, reiteram que diante da dificuldade e da adversidade é que o povo judeu se faz mais maduro e fortalecido, multiplicando sua grandeza, sabedoria e talento.

Como exemplos dessa sapiência e potente criação tem-se o Talmud, que é uma obra que inclui toda a Lei Oral judaica, composta na Babilônia do século V. Além disso, o Schulchan Aruch é o código da Lei Judaica, escrito depois da expulsão dos judeus de Portugal e da Espanha durante o século XVI.

Nesse contexto, o êxodo dos judeus dos países árabes no século XX aconteceu de maneira tortuosa, visto que um milhão de pessoas se deslocaram para viver um novo estágio e reconstrução de vida, em outro lugar, diferente do seu habitual. Muitos deles se aportaram no Brasil, foram acolhidos, recusaram o nome “refugiados” e conseguiram sobressair, adaptando-se a esse novo contexto tropical e obtendo a cidadania brasileira.

Aref Kaieri é o primeiro nome entrevistado pela dupla de escritores. Aref relata que até meados de 1940, a condição de vida em Alepo era pacata, onde dez mil judeus viviam em harmonia com os muçulmanos e alguns judeus abastados estudavam em escolas francesas e a família falava árabe.

Aref nasceu na década de 1920, em Alepo e se lembra dos fatos da Segunda Guerra, especialmente quando os franceses juntamente com os ingleses expulsaram os alemães. Com o término da guerra, houve uma perda de poder colonial francês e inglês e, com isso, todo o Oriente Médio e um movimento nacionalista se iniciou e ganhou força. Para resumir, os ditadores na tentativa de se buscar um culpado diante das dificuldades encontradas nesses países, mais uma vez, utiliza-se dos judeus, vistos sendo culpados, sendo o bode expiatório e o povo era incentivado a acreditar nessa mentira ambiciosa e mortal.

No ano de 1947, essa política foi apocalíptica, principalmente quando o acontecimento perdeu o freio e direção, saiu do controle e um enorme pogrom aconteceu em toda a Síria. Isso acontece porque os judeus foram agredidos, casas aniquiladas e sinagogas queimadas. “A milenar Grande Sinagoga de Alepo, uma das mais bonitas do Oriente Médio, foi invadida por muçulmanos, depredada, as Torás foram queimadas assim como o famoso Códex, uma relíquia histórica” (Rampazzo; Pitliuk, 2023, p. 23). Cerca de seis mil judeus (60% da população) deixaram Alepo.

O dilema e a realidade de quem deixa para trás um legado e história de vida ressoam para Aref, no final dos anos de 1940, sua saída com um grupo de amigos “com pouco dinheiro no bolso, a impetuosidade dos jovens e muita coragem para recomeçar do zero em um novo país. Na Síria ele já era formado e trabalhava, em Beirute teria que recomeçar tudo de novo” (Rampazzo; Pitliuk, 2023, p. 24).

Ao longo do tempo, essa nova cidade que, parecia ser uma moradia permanente, mais uma vez, passa a ser transitória, porque na década de 1970, começa a guerra civil libanesa entre cristãos e muçulmanos e no meio os judeus. No relato do personagem real “Aref conta que os judeus literalmente estavam no meio da guerra, o bairro judeu ficava entre os bairros cristão e muçulmano, e os foguetes e bombas passavam por cima das casas, algumas vezes, por falhas ou erros de pontaria, caíam no meio do caminho” (Rampazzo; Pitliuk, 2023, p. 25).

Muda-se novamente de país, porém os judeus não tinham documentos para viajar, a fim de se emigrarem. E uma solução se assentava, pois a partir de 1960 muitos judeus desejam emigrar para a Europa ou América para recomeçar novamente. A dificuldade em sair do Líbano estava na ausência de passaporte e isso valia para todos os judeus exilados nesse país. “Muitos conseguiram comprar do governo libanês um *laissez-passer*, ou seja, um documento de passe livre para entrar num país apátrida e lá regularizar sua documentação” (Rampazzo; Pitliuk, 2023, p. 27, grifo do autor).

Ao fim e ao cabo, Aref vivendo imerso na guerra civil que assolava e destruía o Líbano resolve emigrar para o Brasil, uma vez que seus irmãos já se encontram no país e ele representava um local de oportunidade, livre e acessível para trabalhar e educar os filhos. Em São Paulo, Aref se adaptou rapidamente e construiu uma nova vida tornando-se pertencente a essa pátria onde sua família cresceu e progrediu e, portanto, o Brasil o fez ser um brasileiro. Naturalizando brasileiro, ele nunca mais precisou de *laissez-passer*.

Conforme aponta Ivan Izquierdo (2014), “o passado contém o acervo de dados, o único que possuímos, o tesouro que nos permite traçar linhas a partir dele, atravessando o efêmero presente em que vivemos, rumo ao futuro” (Izquierdo, 2014, p. 9). Essa história de Aref foi uma de um total de doze que os autores entrevistaram e narraram, principalmente com relação à mudança abrupta de vida por parte dos judeus pelo mundo que aconteceram em diversos momentos e devido a inúmeras circunstâncias. A guerra e a preponderância pelo poder foram um dos motivos marcantes que transformaram muitas vidas inocentes e destruíram muitas famílias, ocasionando, sobretudo, uma reflexão sobre a memória histórica e as lições do passado para que não se repitam no presente, identificando com um futuro promissor e mais seguro para os exilados.

O livro explora como a necessidade de sobrevivência pode reconfigurar valores morais. Os personagens frequentemente enfrentam dilemas em que não há escolhas fáceis, e as consequências de suas decisões reverberam tanto individual quanto coletivamente, como é o caso das primas egípcias Yolanda Douek e Camila Franco que fugiram com a família do Egito em meio ao processo de mudança de governo abolindo a monarquia e implantando a república. “Saímos sem documento, tínhamos um *laissez-passer* que nos permitia chegar a algum país europeu. Minha família foi para a França e a família da minha prima, Yolanda, para a Itália” (Rampazzo; Pitliuk, 2023, p. 45).

Rampazzo e Pitliuk abordam a questão da identidade, especialmente no que diz respeito à herança cultural e religiosa. A resistência, seja ativa ou passiva, surge como uma forma de preservar a dignidade humana diante da desumanização. *Laissez Passer* sublinha a importância de lembrar e testemunhar os horrores de como os judeus foram tratados ao longo de sua travessia pelo mundo. A narrativa funciona como um alerta contra a repetição dos erros do passado, destacando a responsabilidade coletiva pela preservação da memória histórica.

O estilo em *Laissez Passer* é direto, claro e prático, com um uso econômico da linguagem que intensifica o impacto emocional da história. Essa escolha estilística confere ritmo à narrativa, mantendo o leitor imerso no enredo, bem como a poética do texto impressiona pelos detalhes descritos pelos entrevistados, recordação viva e real que se entremeia com o discurso literário dando voz a quem se calou por muito tempo: “As noites eram quentes, às vezes amenizadas por uma leve brisa que vinha do rio Nilo e trazia um pouco de umidade para aliviar o ar seco. As alamedas eram margeadas por flores de lótus que espalhavam perfume agradável quando abriam” ((Rampazzo; Pitliuk, 2023, p. 32) e continua: “É a única planta que dá flor e fruto ao mesmo tempo. Os restaurantes sofisticados estavam sempre cheios e alegres e por garantia havia sempre uma mesa reservada para o rei Faruk, pois ninguém sabia em que restaurante ele iria aparecer” (Rampazzo; Pitliuk, 2023, p. 32).

Ao mesmo tempo, a sobriedade da linguagem evita sentimentalismos, permitindo que o drama humano fale por si. Essa abordagem respeitosa ao tema é um dos méritos dos autores, que evita espetacularizar o sofrimento. Como exemplo, tem-se a história de fuga da Síria por parte de David Sasson Harari: “- Em nosso carro que nos levaria ao Líbano, [...] a polícia nos parou. Mandaram descer, tirar as malas e nos revistaram. [...] Procuraram por quase duas horas e nada encontraram” (Rampazzo; Pitliuk, 2023, p. 66-67) e complementa dizendo: “As malas dos outros passageiros do carro foram abertas com facilidade, onde encontraram valores, mas a minha, que estava trancada, os policiais deixaram para depois e, no final, se esqueceram de abri-la” (Rampazzo; Pitliuk, 2023, p. 69).

Laissez Passer é uma contribuição significativa à literatura brasileira e judaica sobre o judeu em exílio e deslocamento pelo mundo. O livro não apenas amplia a discussão sobre os horrores do período, mas também promove reflexões sobre questões universais, como a fragilidade da moralidade em tempos de crise. Além disso, o livro reforça a importância de manter viva a memória da perseguição aos judeus em um momento histórico em que o negacionismo, o antisemitismo e a intolerância voltam a ganhar espaço. As histórias retratadas por personagens reais nos lembram de que a literatura enquanto representação da vida e do ser/estar no mundo é uma ferramenta poderosa para preservar a memória e combater a desumanização.

Com *Laissez Passer*, Luiz Rampazzo e Marcio Pitliuk entrega uma obra sensível e relevante que convida o leitor a refletir sobre a condição humana em situações extremas, subalternas. Embora se baseie em um contexto histórico específico, o livro transcende o período que retrata, oferecendo lições atemporais sobre empatia, resiliência e a luta pela dignidade. É uma leitura indispensável para quem busca compreender o

impacto da perseguição dos judeus pelos diversos lugares do planeta e os dilemas éticos que definem a humanidade.

Logo, o Brasil, percebido pelos imigrantes judeus como “o país do futuro” confirma a assertiva deles quando na prática da vida cotidiana reiteram um comportamento de permanência nessa nova terra tropical que os abraçou e os tornou pertencentes a ela: “aqui como tantos imigrantes, foram recebidos de braços abertos, nunca foram ameaçados por serem judeus e nunca mais pensaram em mudar de país” (Rampazzo; Pitliuk, 2023, p. 243). E, portanto, as famílias aportadas nesta terra puderam, enfim, criar raízes.

Referências

BACHELARD, IZQUIERDO, Iván. **Memória**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

RAMPAZZO, Luiz; PITLIUK, Marcio. **Laissez Passer**. São Paulo: Maayanot, 2023.

SAID, Edmund. **Representações do intelectual, As Conferências Reith de 1993**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

VELOSO, Rodrigo Felipe. A participação da elite alemã no Holocausto: resenha de O engenheiro da morte, de Marcio Pitliuk. **Revista de Estudos de Cultura**, São Cristóvão, v. 10, n. 26, p. 289–293, 2025. DOI: 10.32748/revec.v10i26.21828. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/revec/article/view/21828>. Acesso em: 8 jun. 2026.

VELOSO, Rodrigo Felipe. Literatura da Shoah: testemunho, memória e escritura na composição literária de Marcio Pitliuk . (2024). **Arquivo Maaravi: Revista Digital De Estudos Judaicos Da UFMG**, 18(34), 265-272. <https://doi.org/10.35699/1982-3053.2024.51755>. Disponível em: <https://Literatura da Shoah: testemunho, memória e escritura na composição literária de Marcio Pitliuk | Arquivo Maaravi: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG>. Acesso em: 10 abr. 2026.